

Apoio



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Lourival Veras

Ilustrações Rafael Limaverde

Realização



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação



Este livro integra a Coleção Juvenil MAIS PAIC MAIS LITERATURA, composta de crônicas, contos, novelas, romances, cordéis e poesias. Escrita e ilustrada por autores do Ceará, ela traz aventuras desafiadoras, existenciais, em cenários da cultura e da história local. Sua temática constitui estímulo a mais para se ler e dialogar nos Clubes de Leitura dos 8º e 9º anos das escolas públicas do Ceará.

Saiba mais: <http://www.paic.seduc.ce.gov.br>

ISBN 978-85-8171-232-1

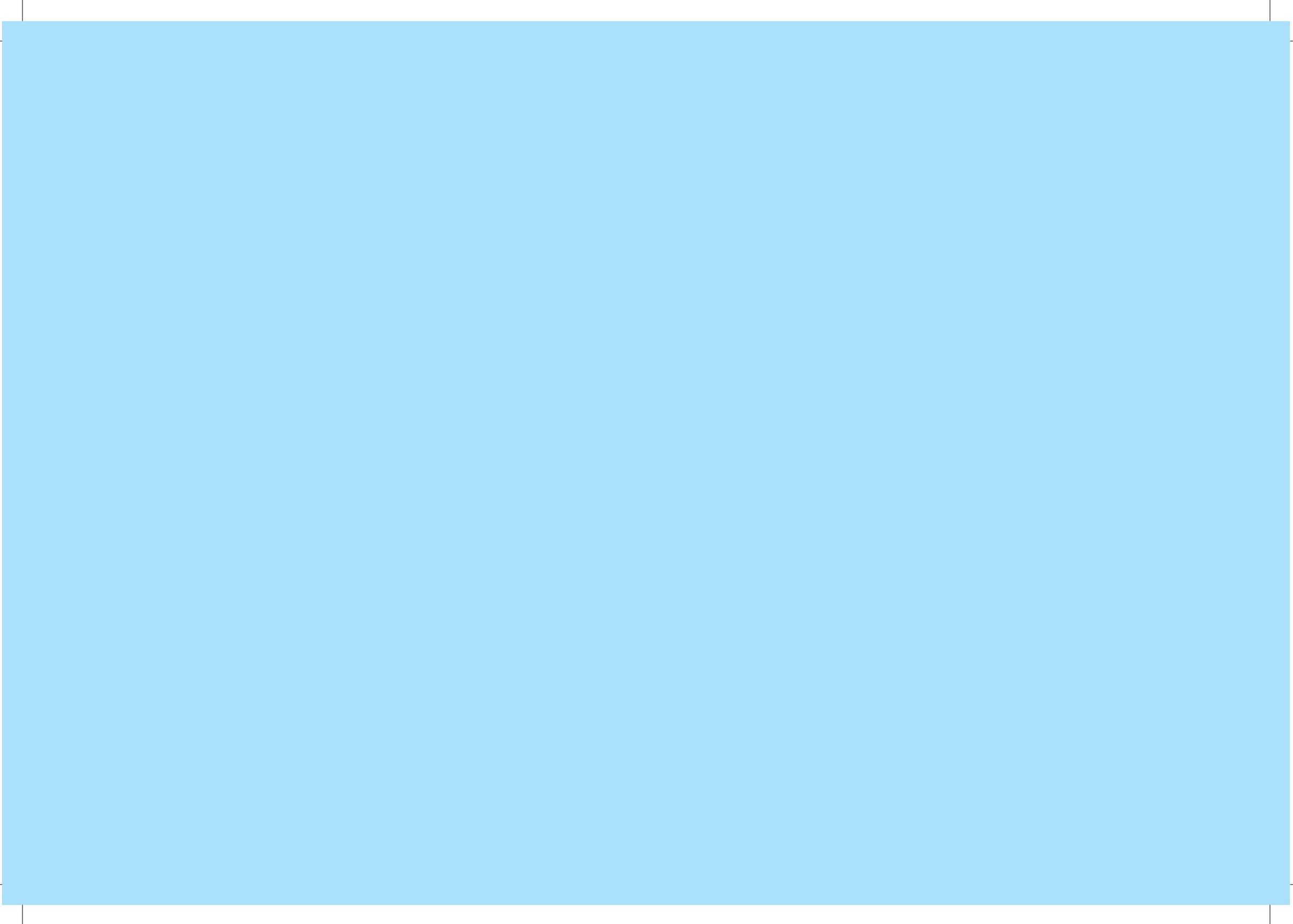


9 788581 712321

VENDA PROIBIDA

A invenção da meia-noite







Lourival Veras
Ilustrações Rafael Limaverde

A invenção da meia-noite



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

Fortaleza • Ceará

Copyright © 2018 Lourival Veras
Copyright © 2018 Rafael Limaverde

Governador

Camilo Sobreira de Santana

Vice-Governadora

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

Secretário da Educação

Rogers Vasconcelos Mendes

Secretária-Executiva da Educação

Rita de Cássia Tavares Colares

*Coordenador de Cooperação
com os Municípios (COPEM)*

Márcio Pereira de Brito

*Orientadora da Célula
de Apoio à Gestão Municipal*

Gilgleane Silva do Carmo

*Orientador da Célula
de Fortalecimento da Aprendizagem*

Idelson de Almeida Paiva Júnior

*Orientadora da Célula
do Ensino Fundamental II*

Ana Gardennya Linard Sírio Oliveira

*Coordenação Editorial,
Preparação de Originais e Revisão*

Kelsen Bravos

Projeto e Coordenação Gráfica

Daniel Dias

Design Gráfico

Emanuel Oliveira

Eduardo Azevedo

Revisão Final

Marta Maria Braide Lima

Sammya Santos Araújo

Conselho Editorial

Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda

Sammya Santos Araújo

Antônio Êlder Monteiro de Sales

Sandra Maria Silva Leite

Antônia Varele da Silva Gama

Catálogo e Normalização

Gabriela Alves Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V476i Veras, Lourival.

A invenção da meia-noite / Lourival Veras; ilustrações de Rafael
Limaverde. - Fortaleza: SEDUC, 2018.

28p. il.

ISBN 978-85-8171-232-1

1. Literatura infantojuvenil. I. Limaverde, Rafael. II. Título.

CDU 028.5



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

SEDUC - Secretaria da Educação do Estado do Ceará

Av. Gen. Afonso Albuquerque Lima, s/n - Cambeba

Fortaleza - Ceará | CEP: 60.822-325

(Todos os Direitos Reservados)

Ao querido amigo Elias de França



Era um tempo em que o tempo era sempre o mesmo. Não havia dia nem noite, apenas uma luz opaca, incansável, onipresente, perseguindo a tudo e a todos com sua ausência de sombras. Unicamente, o cansaço determinava os intervalos entre vigília e sono, fosse gente ou bicho bruto. Ao derredor, até onde a vista alcançava, um sereno intermitente desanimava qualquer atividade externa que não fosse imprescindível. De resto, era sentar e esperar – olhar a ausência dominando o horizonte. Prevalencia o tédio, frio e perpétuo, penetrando até os ossos.



Até onde se sabia, o mundo se resumia a não mais do que aquelas poucas casas de pau a pique, espalhadas aleatoriamente ao redor de um campo que fazia as vezes de praça. No centro, encontrava-se um prédio bem maior, com paredes a meia altura e que já servira, em algum momento, para reuniões de conversas e lembranças. Cobertos com sapé – quase uma praga no solo pobre e infértil do lugar – e eternamente molhados, lembravam seres fantasmagóricos prontos a devorar quem ousasse se aproximar. Os caminhos ligando uma casa a outra, se é que chegaram a existir, o mato rasteiro se encarregara há muito de cobrir, deixando claro que ali a solidão se esmerava.

Afora o pinga-pinga monótono do sereno, batendo no sapé encharcado dos telhados, não se ouvia um som. Bicho nenhum zumbia, balia ou grunhia, nunca. Ninguém abria a boca nem mesmo para reclamar uma dor, uma topada, relatar um sonho, tirar uma dúvida. E isso persistia desde o instante em que resolveram, num acordo silencioso, abandonar para sempre o galpão das conversas e lembranças.



Foi um dia, tempos atrás, quando José de Ambrósio discorria animadamente sobre uma ideia maravilhosa que lhe ocorrera – mais uma! – saírem em incursão, para ver o que mais havia no mundo, além deles mesmos e do pouco que era possível distinguir. Para ganhar tempo e ampliar as possibilidades – dizia ele – “o ideal era a formação de quatro grupos, cada um saindo para um lado”. Tinha certeza de que em algum momento, mais cedo ou mais tarde, alguma coisa haveriam de encontrar. Quem primeiro topasse com uma terra, mesmo que só um pouco diferente, voltava o mais rápido possível e anunciava a boa nova. Ah, seria então o começo de uma vida plena de felicidade!

Olhos brilharam, bocas entreabriram num uuuuuuh longo e silencioso, pernas ficaram num desassossego que só vendo, a esperança era quase palpável. Percebia-se, em cada cabeça, uma infinidade de intenções para esse novo mundo repleto de possibilidades. Ver-se desembaraçado, finalmente, daquele clima horroroso! Estar ao ar livre a hora que

bem entendesse! Descansar sob a copa de uma árvore! Principalmente, ter um canto, qualquer canto, mesmo que um cubículo, que servisse de obstáculo àquela luz!

Pela mente de Aroldo de Juliana passaram as vezes que já tinham empreendido a mesma aventura, andando léguas sem fim, até a estafa completa, sem jamais terem encontrado outra paisagem, outro clima, uma terra que não fosse sempre aquela mesma terra. Era como se estivessem andando numa esteira rolante, sem nunca sair do lugar. Até o contorno das montanhas ao longe permanecia inalterado. Então, inconscientemente, Aroldo de Juliana baixou a cabeça e sentiu-se invadido por um desânimo que atingiu cada célula de seu corpo, deixando-o mole e sem ação por um tempo impossível de se determinar. Tivesse olhado ao redor, teria percebido que cada morador passava por igual arrebatamento, a melancolia exterior finalmente alcançara o âmago de todos. Estivessem numa guerra, teria sido uma rendição incondicional.



A partir daquele dia, além do silêncio que se abateu sobre todo ser vivente do lugar, o mundo se desiludiu de vez e foi ficando cinza. Primeiro as plantas. Tal e qual uma pessoa com sardas, umas manchas meio esbranquiçadas, arredondadas e pequenas, foram aos poucos tomando conta da rama das árvores, depois da árvore inteira, do capim próximo, alastrando-se finalmente para a terra e para os bichos ao redor. Parecia que um vírus se disseminara no meio ambiente, contaminando a tudo e a todos. Por último, o céu.

Essa nova característica do mundo veio piorar e muito, o que já era ruim. Afinal, afora as sutilezas de tons e subtons, tudo era uma sucessão interminável de cinza sobre cinza. Dependendo da superfície em que se apoiasse a mão, até esta ficava difícil de se distinguir. Imagine, então, identificar uma fruta madura, ou se o peixe já assara. Enfim, a pessoa não tinha como saber se o animal que a olhava do canto da sala era o gato da família ou um maracajá.

Como resultado, um povo que já era raquítico e magro em função de uma dieta pobre e pouco diversificada, pendeu ainda mais para o seco, lembrando uma árvore desfolhada. De caçadores-colhedores — em função do clima e da terra pobre — passaram a descobridores ou, para ser mais exato, a adivinhadores do que comer. Não sem grandes surpresas, é claro. Muitas vezes se viram cheirando ou provando coisas nada comestíveis, para dizer o mínimo.

Vencidos pelo cenário apocalíptico, homens, mulheres e crianças lembravam zumbis, em seus aspectos acinzentados e cadavéricos, olhos fundos, cabelos ralos e desgrenhados e roupas se desmanchando. Sem nada de imediato para fazer, eram capazes de ficar horas numa mesma posição, o olhar perdido em coisa alguma. Às vezes, surpreendidos entre uma passada e outra, a mão estendida no vácuo como se quisesse alcançar algum objeto invisível aos olhos. Tão fulminante quanto à luz que agredia a todos, sem dó nem piedade, o torpor era generalizado, profundo, moía a alma e a esperança

de cada morador de Alagadiço, pois assim se chamava o lugar, e o nome era autoexplicativo.

A exceção era José de Ambrósio. Apesar do silêncio que se abatera sobre todos, e do qual nem ele conseguira escapar, e da reclusão autoinfligida por aquelas pobres criaturas, José de Ambrósio teimava em percorrer, regularmente, a distância que separava sua casa do galpão das conversas e lembranças e ali permanecer, horas sem fim, como se esperasse um amigo que se perdeu no caminho. Em sua cabeça, quando o último deles por fim abandonasse de vez o galpão das conversas e lembranças, uma desgraça maior do que tudo o que já lhes acontecera se abateria sobre a face da terra e exterminaria a tudo e a todos. Mas não se iludia, no íntimo sabia que nada de novo aconteceria.

Daí o choque quando, um certo dia, uma luz diferente apareceu no céu. Embora apenas um filete amarelado na borda da terra, bem ao longe, lá onde o mundo deixa de existir, uma sensação de fogo tomou conta do corpo do assombrado José e um comichão

incontrolável se instalou no alto de sua cabeça. Por um momento pensou que estivesse morrendo — a vista escureceu, deu uma tontura. Apoiou-se à meia-parede do galpão das conversas e lembranças e pensou ter dito, bem baixinho: olhem. Na verdade, gritou. E foi um grito de tal forma agudo e urgente, tipo uma criança suplicando o socorro da mãe, que todos acorreram imediatamente. Deles, inclusive, com porrete na mão, prontos para livrar o amigo da terrível criatura que, com certeza, o atacava.





Quando alcançaram José de Ambrósio e o viram são e salvo, até mesmo com um pouco de cor na face — coisa completamente fora do normal naqueles tempos que atravessavam — ficaram meio confusos. Estariam imaginando coisa, sofrendo uma alucinação coletiva? Foi quando perceberam o braço esticado de José de Ambrósio, o dedo em riste, apontando o horizonte. Ao avistarem a luz, houve um *oh* uníssono, quase uma oração, e lágrimas chegaram a rolar do rosto dos mais sensíveis.

O sereno parara completamente e um arco-íris tomara toda a abóbada celeste. A cor voltara à Terra, finalmente.



Aos poucos, a restiazinha de luz se transformou num lindo disco brilhoso, ferindo os olhos de quem o mirasse diretamente, porém trazendo um calor agradável à pele e ao ambiente. Aquele que prestasse atenção, certamente veria a umidade sendo sugada para o ar e desaparecendo em direção ao céu. Até mesmo a luz opaca, que antes tanto afligira as sofridas almas do lugar, fora sobrepujada — e todos esperavam que fosse para sempre!



Porém, o que gerou mais admiração foi a descoberta de uma silhueta tremeluzindo na distância. Vinha como se fosse tangida pela luz, mas sem pressa, quase se arrastando ao sabor da leve brisa que varria as nuvens antes prenhes de água. Mais se aproximava, mais se distinguiam detalhes naquela figura inusitada. Era homem, com certeza. Tinha uma barba espessa e longa, cabelos igualmente compridos e já pendendo para o prateado, roupas coloridas e cobertas de símbolos, patuá a tiracolo. Mesmo ainda tão longe, passava a impressão de alguém que vinha dos confins do mundo, de lugares nunca antes sabido, terras que escapam até ao sonho — o paraíso, talvez.



Não bastasse tudo isso, caminhava sem dar um passo. Para ser exato, parecia flutuar sobre o mato rasteiro, livre da gravidade que nos prende ao chão. E gesticulava sem parar, os braços atirados para um lado e para o outro, como se travasse um diálogo acalorado com uma plateia invisível.

Quando foi possível vê-lo por inteiro, em toda sua estranheza de pessoa nunca antes sequer imaginada, percebeu-se, enfim, o porquê de se imaginá-lo voando: quase encobertas pela grama alta, duas enormes tartarugas serviam de montaria ao misterioso visitante. Eram seres colossais cuja carapaça, se esvaziada de seu pesado e robusto corpo, daria uma excelente banheira para até dois homens juntos e ainda sobraria espaço. Seu pescoço retrátil, quando inteiramente fora de sua loca óssea, chegava facilmente ao peito de um homem adulto. Admirar essas criaturas não deixava de ser um ato de quase adoração e entrega ao divino.

Com um pé sobre cada um desses espécimes magníficos, o homem bradava a plenos pulmões,

ora incentivando os passos dos enormes quelônios, ora entoando canções sobre povos outrora alados, ora chamando um ou outro habitante de Alagadiço pelo nome, como se fosse seu velho conhecido.

Ao parar, parou também o disco luminoso, não se moveu mais que um centímetro. Pôs-se um pouco de lado, à meia altura no céu, pronto a apreciar o que estava prestes a se desenrolar cá embaixo no chão.

Tendo alcançado o centro do lugarejo, o homem apeou das costas de sua incomum montaria e, sem parar de falar e gesticular, pôs-se a sacar de dentro do patuá, que trazia a tiracolo, os objetos mais improváveis. Primeiro, contudo, algumas hastes de madeira que, depois de unidas aqui e acolá e de ganharem a cobertura de tábuas, formaram um extenso balcão. Sobre o balcão, peças e mais peças de tecidos, as cores mais variadas. Ainda sacos com sementes, potes repletos de guloseimas, recipientes transbordando cheiros maravilhosos. E sandálias, chapéus, miçangas para enfeitar o corpo, ferramentas de trabalho. Além disso, utensílios de cozinha,

vidros para melhorar a visão, papéis cheios de histórias, e mais tudo que se possa imaginar ou não. Tudo tirado, como por ato de magia, de dentro do minúsculo patuá.

Enquanto isso, olhos esbugalhados e coração palpitando, o povo de Alagadiço se acotovelava ao redor, na ânsia de tudo ver. O menino Aristides de Mariazinha criou coragem, como é natural acontecer com meninos, e tão logo o homem fez uma pequena pausa em seu falatório sem fim, quis saber: “Quem é o senhor?” “Epaminondas, seu criado” — foi o que ele respondeu. Mas não era apenas isso o que todos queriam saber, e ele sabia disso, assim emendou:

– Venho de todos os lugares rumo a todos os lugares. Alagadiço é minha passagem. Vivo de trocar coisas por histórias e sentimentos. Quem quer?

Maria de Eliodora deu logo um passo à frente não porque fosse corajosa, mas porque queria muito um pedaço daquele tecido vermelho que ela via se derramando sobre o balcão — lindo! E contou assim:

– Um dia, ninguém sabe precisar quando ou por que, abateu-se sobre nosso lugar uma neblina muito forte em plena hora do almoço. Era esbranquiçada, como costumam ser todas as neblinas, e tinha um cheiro adocicado. Passado pouco tempo, já não era possível enxergar mais do que um palmo adiante do nariz. Com medo de esbarrar nas coisas, de cair e quebrar algum osso, ficamos praticamente imóveis onde a neblina nos pegou. A sensação era de estar enterrados no ar. Às vezes, eu falava comigo mesma só para me certificar que estava viva. Depois veio uma grande ventania, uns redemoinhos tão poderosos que as casas rangeram em suas fundações, quase a ponto de serem arrancadas do solo e lançadas ao céu. Cada um gritou por quem o salvasse, o seu ente mais querido. Eu gritei por minha mãe Eliodora, que me socorresse — “mãe!” Então, fez-se um grande silêncio, não se ouvia nada, nem um som, eu até cheguei a pensar que tivesse ficado surda. A neblina sumira finalmente. E com a neblina, para nossa tristeza, sumiram também todos os

nossos entes amados que tiveram seus nomes chamados em socorro. Desapareceram. Foram-se com corpo e tudo que lhes pertencia. Por um breve momento, chegamos a acreditar que nunca existiram, tão definitivamente saíram de nossas vidas. E para que isso nunca mais voltasse a acontecer, para que jamais duvidássemos novamente do amor que um dia dividimos, construímos o galpão das conversas e lembranças, daí passamos a acrescentar ao nosso nome, o nome de nosso ser amado desaparecido. Eu não me chamo apenas Maria, chamo-me Maria de Eliodora, minha mãe que vive em mim.



Epaminondas meteu a mão no patuá e quando a retirou vinha junto um quadro em branco, apenas a moldura e a tela esticada. “Olhe”, ele falou para Maria de Eliodora. Maria olhou e viu linhas surgindo, cores manchando o branco do pano aqui e acolá, e uma figura começou a se formar. No final, o que se viu foi o rosto sorridente de Eliodora, igual como ela estava no último dia em que Maria a vira.

Quando Epaminondas ofereceu a todos um quadro idêntico, houve quem corresse para pegá-lo, mas também houve quem hesitasse. Houve inclusive quem recusou. O medo era não se saber capaz de recordar com clareza o ente querido perdido e sua imagem não se formar na tela. Se isso acontecesse, seria como perder a pessoa duas vezes. Melhor deixar para depois, talvez.

Por um tempo que pode ter sido de três dias ou três anos, Epaminondas esteve, no centro de Alagadiço, distribuindo panos do oriente, bilas coloridas, tiras para o cabelo, balas de mastigar, mas principalmente histórias, as quais contava quase sem in-

terrupção, sobre as maravilhas que presenciara em suas andanças. Falou de outros mundos — mundos inclusive fora da Terra — de povos gigantes e povos pigmeus, que não atingiam o tamanho de uma criança. Falou de animais tão poderosos quanto cem homens juntos e tão altos quanto três pessoas, uma em cima da outra — uma visão magnífica! Falou de terras eternamente brancas e geladas e de lugares cujo chão se liquefazia em fogo sem parar. E chocou a todos quando extraiu de seu patuá uma máquina de congelar o tempo – que funcionava em meio a um grande clarão e fumaça de cheiro forte e embriagante. Através de um processo que certamente envolvia ritos secretos e uma poderosa feitiçaria, em seguida, aparecia com um pedaço de papel grosso no qual estava impresso o que a pessoa realizava momento antes. Aquilo representava o fim definitivo do esquecimento, pois bastava acionar aquela engenhoca incrível para saber exatamente onde se estava, com quem se estava e o que se estava fazendo.

No mesmo instante em que o disco luminoso voltou a se mover, o patuá de Epaminondas parou de produzir milagres, secou. Ele ainda chegou a balançá-lo, virá-lo de ponta-cabeça, mas sem resultado — não pariu mais sequer um palito. Pendia flácido e triste na cintura de Epaminondas.

Epaminondas soube que era o momento de deixar o Alagadiço andar com suas próprias pernas, superando seus medos e não se entregando ao desânimo. Agora que seus habitantes conseguiam distinguir outras cores além do cinza, outros sentimentos para lá da tristeza, outros estados diferentes da solidão, outros tempos que não apenas o passado, nada havia que os impedisse de saírem em busca de felicidade.

Então, assim como surgira, de repente Epaminondas se foi. Desmontou o balcão agora vazio, peça por peça, meteu-o para dentro do patuá, trepou novamente em suas tartarugas e partiu. Foi-se como havia chegado, em meio a muitas risadas e gritos de estímulo e recomendação. Por último, o que se

ouviu foi um incentivo à sua montaria: “Vamos George! Não desanime, Tony!” — depois o silêncio.

À medida que Epaminondas se distanciava no horizonte, a grande bola de fogo que iluminava o céu desde o momento em que ele chegara, foi finalmente se espreguiçando por detrás da grande montanha, dando lugar a algo tão inusitado quanto tudo que aquele homem trouxera: um céu escuro, salpicado de milhares de pequenos pontos brilhantes. Depois, aos poucos e suavemente, surgiu uma

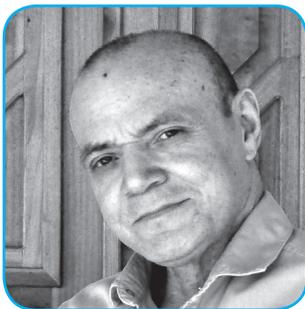


nova bola de luz no céu – mas esta mais sutil que a primeira. Era possível admirá-la sem cegar, e sua beleza provocava sonhos que até então ninguém ali jamais ousara.

Naquele momento, sem que ninguém soubesse sua origem, o som de doze badaladas encheu todo o vale, anunciando o nascimento da primeira meia-noite de Alagadiço. Em algum lugar, alguém certamente dera movimento às engrenagens do tempo.

E todos sentiram sono e finalmente dormiram.





Lourival Veras

Oi, meu nome é Lourival Veras, tenho 59 anos e nasci e moro em Crateús. Além deste, escrevi outros livros para crianças, como Matilde viu o Maracatu e Bento e Beatriz: amor de brinquedo. Acredito na educação como base para uma sociedade mais justa e inclusiva e na leitura como força transformadora do homem/mulher/criança.



Rafael Limaverde

Sou meio menino, meio gente grande, comedozim de rapadura e açaí, que gosta de Poesia, de banho de chuva, de pintar pelas paredes, de pipa, de abraço e beijo, de passarinho cantando livre e tantas outras coisas... Mas tem uma coisa que gosto de verdade, ler! Deitar na minha redinha velha e ler até o sono chegar. De ver o mundo através do olhar do escritor, de viajar em seu mundo, dividir suas aventuras, medos e alegrias. Gosto de ver como, aos poucos, as palavras dos livros vão ficando amigas das minhas palavras e assim ganho um montão delas. E ter montão de palavras é ter também conhecimento, emoções e ternura. E aí, como meu barato, desde miúdo, é desenho, na medida em que vou lendo, já vou desenhando tudo na cabeça! As palavras então ganham forma, cores, detalhes, texturas, altura, largura... Daí é só juntar um montão de tinta e colocar tudo no papel. E fico muito, muito feliz por ter tido, desde sempre, muito livro e papel pertinho de mim. Quisera eu que todas as crianças do mundo (e de todas as galáxias!) tivessem o direito simples e precioso de poder ler um livro e pintar suas histórias. E é assim que quero pintar o mundo: com infância, cores, poesia e alegria! Um abraço apertado a todas as crianças (grandes e pequenas). facebook.com/ilustrasrafael